

BRASIL VISTO DE FORA**O inferno da minoria maior**

Por Mônica Carvalho, de Porto (Portugal) em 10/11/2009

Estou fora do Brasil há apenas dois anos e meio, mas já me impressionam algumas idéias de quem está no país.

Um exemplo. Após ler o editorial de quarta-feira (4/11) do *Estadão*, indicação do senador Cristovam Buarque, fico espantada com o modo como Lula e a possível reeleição do PT, através de Dilma Rousseff, ameaçam uma "minoria", até porque foi justamente essa "minoria" que, indiretamente, "permitiu", pode-se dizer, a primeira vitória de Lula. Lembro-me perfeitamente que o próprio Fernando Henrique Cardoso, nas entrelinhas, conduzia a esse processo. Até mesmo os veículos de comunicação pareceram incrivelmente levantar bandeira branca ao evitarem criticar demasiadamente o candidato petista em 2002. A questão foi que o candidato, após eleito e reeleito, cresceu de tal forma que saiu do controle dessa "minoria". Sobre isto, recordo inclusive uma entrevista de Franklin Martins à *Caros Amigos*, após a reeleição de Lula, em que afirmava que a "era da pedra no lago" teria acabado.

Para mim, é evidente que, até o primeiro mandato de Lula, havia certo controle sobre o que se fazia no governo. Contudo, após a reeleição, no jogo do poder Lula passou a ter mais vantagem. Agora, a antiga "minoria" padece incrivelmente do "mal" de ser minoria de fato, diante de um apoio popular que, supostamente, extrapola qualquer controle que antes poder-se-ia exercer mais facilmente. Vejo que o suposto receio do avesso da democracia ou de um regime autoritário, expressado em outros canais, para além do editorial do *Estadão*, parece mais um desejo de que isto assim se dê. De fato, a maioria dos da minoria, que hoje reclamam, colaborou em anteriores governos autoritários. Logo, não creio que, para esta minoria, a democracia seja realmente o melhor dos mundos.

A encarnação do anticristo

Democracia pressupõe imprevisibilidades, na medida em que a escolha é feita pela maioria, como consequência de uma disputa em que, no mínimo, duas partes querem o mesmo, mas só uma ganha. Por princípio, a disputa democrática deveria envolver estratégia, negociação, inteligência, bom discurso e ganhos para todas as partes envolvidas, pois mesmo os que perdem, podem ganhar conforme a pressão política que são capazes de exercer. Porém, a história do Brasil vinha seguindo sempre a cartilha da alternância do poder que, como numa ladainha, chegava sempre ao mesmo lugar, sempre ocupado pela minoria. É como se, no Brasil, fazer política fosse a repetição em larga escala da frase "Sabe com quem você está falando?"

Diante do atual cenário, acho que uma coisa é boa: a minoria talvez comece a perceber que deve aprender a fazer oposição, já que, até então, não sabia exatamente o que isso era. Portanto, agora precisa gastar muito mais que saliva, tinta e bytes para convencer milhões de votantes que, ao invés de Lula ser a encarnação do anticristo, serão eles, os da minoria, os mais capazes de governar para a maioria.